

A CHUVA NA POESIA DE FERNANDO PESSOA

Josineuda Lúcia de Vasconcelos Silva

1. INTRODUÇÃO

É um desafio apaixonante penetrar na mundividência do poeta luso Fernando Pessoa e seus heterônimos. Há muito o que aprender, aceitar, questionar e sobretudo admirar.

O encargo é pesado e a dificuldade cresce, dada a complexidade da obra e considerando-se o poeta múltiplo como a não querer entregar-se. A complexidade da obra, no entanto, assusta e estimula. A presença dos heterônimos confunde e provoca a descoberta dos segredos que movem o poeta, na simbologia que eleger e adota. Água é fonte perene e sua sede sem mitigação.

Tentando penetrar neste mudo onírico e fascinante, decidimo-nos por uma proposta de análise do elemento água, que na obra pessoana é força, mistério, morte e vida.

A água é invocada insistentemente, brota como nascente a eclodir poderosa, impetuosamente e a desaparecer como um rio que, de súbito, some, mergulha e aqui e ali reponta com a mesma violência e vivacidade. De instante a instante a água passa formando correntes de pensamentos complexamente trabalhados, sem fronteiras, sem planos limitados.

São águas diferentes e de diferentes modos que passam: mar, rio, lago, regato, fonte, chuva, orvalho, numa hidrografia rica, aberta e ambígua.

Admirando a freqüência com que a água brota nos versos de Fernando Pessoa, refletida em diversas imagens e mistérios, escolhemos a CHUVA como elemento de interpretação de uma faceta do poeta português. Para chegar a esta escolha buscamos a justificativa no poeta, em seus versos:

Sofremos? Os versos pecam.
Mentimos? Os versos falham.
E tudo é chuvas que orvalham
folhas caídas que secam.

(OP, p. 152) (1)

Pretendemos, sem ficar alheia à freqüência da água na obra pessoana analisar a presença da chuva, identificando nos escritos poéticos, a criação do ortônimo e de cada heterônimo.

Procederemos, inicialmente, a uma apreciação sobre a simbologia da água e na sua ocorrência na obra pessoana.

Abordaremos, em seguida, a CHUVA, fenômeno vital e mistério particular para Fernando Pessoa, que a adota como inspiração maior nas múltiplas facetas de suas tendências poéticas.

Iniciante no estudo literário, nossa reflexão sobre a obra pessoana é ainda tímida, sem a devida ressonância filosófica, ontológica e metafísica. Percebemos assim os riscos desta tarefa, mas iremos tentar fazê-lo movida pelo desejo de ampliar nossa visão sobre o complexo poeta português.

Confessamo-nos reconhecida ao Professor José Linhares Filho pelo ensejo deste crescimento no campo da literatura, pela possibilidade de um mergulho na obra do poeta maior, Fernando Pessoa.

Este trabalho, resultado de esforço e dedicação, encerra nosso desejo de enriquecimento pessoal, além da incomum atração com a poética de Fernando Pessoa sempre nos entusiasmou, devido a sua abertura multiplicidade e ambigüidade.

2. A SIMBOLOGIA DA ÁGUA

Desde os tempos mais remotos o homem tenta compreender-se a si mesmo e interpretar sua situação no cosmos. Isto sempre surge da necessidade de decifrar o desconhecido, para dar um sentido existencial ao meio em que vive.

Ninguém vive num universo puramente físico. Daí o apelo aos símbolos — seres que representam outros de natureza

1) PESSOA Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977. A abreviatura OP é a convenção usada no corpo do texto para referência a obra acima citada.

diversa ou, como bem o exprime o étimo grego "simbalein", pontos de encontro, de enlace, de confluência entre o divino inatingível e o homem insatisfeito.

A água situa-se como elemento primordial na lista das necessidades vitais.

No começo havia só água: —

"A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas."

(Gênesis, 1, 2)

Desde a pré-história a fecundidade antropocósmica é sempre focalizada dentro de um círculo: água — mulher — lua.

Antes de mais nada, a água aparece como fonte de vida: —

"Deus disse: 'Pululem as águas de multidão de seres vivos e voem aves sobre a terra, debaixo do firmamento dos céus.'"

(Gênesis, 1, 20)

A água é um símbolo materno porque dela a natureza se alimenta; ela é o leite da terra inteira. (2)

É com Tales de Mileto (séc. VII a.C.) que principia a Filosofia ocidental. Afirmava ele que a substância original, o arquê de todas as coisas era a água. Esta, circundando e servindo de apoio à Terra, daria desse modo origem a todas as demais coisas: o ar, a terra, as rochas e os seres vivos. A água seria o princípio gerador de tudo.

Graças à ambivalência da água — fonte de vida e de destruição — ela também simboliza o poder de purificação moral, evocada nas imersões sagradas: —

"Em verdade, em verdade te digo, quem não renascer da água (3) e do Espírito não poderá entrar no reino de Deus."

(João, 3, 5)

2) PADRÃO, Maria da Glória. *A me'áfora em Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1973, 92 p.

3) "da água": alusão ao batismo — purificação.

nós dilúvios: —

“Dentro de sete dias farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei da superfície da terra todos os seres que eu fiz.”

(Gênesis, 7, 4)

O religioso respeito pela água concretiza-se muitas vezes no culto aos seus mananciais ou depósitos — fontes, rios, lagos, mar. São como que especiais localizações terrenas do Sagrado. Ofertam-se-lhe sacrifícios, presentes, danças, cânticos. Vejam-se os atuais ritos afro-brasileiros de Umbanda, à beira-mar.

As divindades: Netuno, naiades, nereidas, são personificações das águas.

Conclui-se que o homem de muitas fases e regiões julgou o cosmos e a si mesmo como originário da água e nela busca a vida, o renascimento, a terapia moral, a força, o poder sobrenatural.

Fernando Pessoa não foge ao Homem, aos pensadores, e faz da água símbolo do qual extrai a força e a beleza de sua inspiração. E pelo mar sonhando exclama:

Ó mar, sê símbolo da vida toda —

Incerto, o mesmo e mais que o nosso ver!

Finda a viagem da morte e a terra à roda,

Voltou a alma e a nau a aparecer.

(OP, p. 683)

3. OCORRÊNCIA DA ÁGUA NA OBRA PESSOANA

Fernando Pessoa, como que antevendo as muitas dificuldades com que se defrontariam aqueles que se propusessem a penetrar em sua obra, indica, na Nota Preliminar do Cancioneiro, um caminho, um direcionamento bem nítido para a reflexão de suas idéias. Vejamos:

“Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um

lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos” ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes”.

(OP, p. 101)

Como ninguém, o poeta luso usou de paisagens para se encontrar, se definir.

A água apresenta-se assim, como a nascente e a cristalização dos seus pensamentos e sonhos mais profundos.

A influência da água é uma constante, forma de intercomunicação livre, nua, pura, na expressão do próprio poeta:

Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.

(OP, p. 374)

De tal modo a água flui dos versos pessoais que neles vamos encontrar água em variados matizes, em diferentes paisagens.

3.1 — Água — Elemento

Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.

(OP, p. 236)

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.

(OP, p. 217)

Bem sei que todas as mágoas
São como as mágoas que são
Parecidas com as águas
Que continuamente vão.

(OP, p. 712)

Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares.

(OP, p. 319)

— No Cancioneiro:
 (71) (4) (73.5) (96) (107) (117)
 (118) (121) (180) (184) (186)
 (191) (192) (202)

— Alberto Caeiro:
 (210) (213) (219) (222) (223)
 (228) (242) (253) (274) (300)

— Ricardo Reis:
 (317) (330) (331) (398) (416)

— Álvaro de Campos:
 (442) (465)

— Inéditas:
 (549) (572.2) (572.3) (607) (644)
 (646) (656) (719) (726) (751)
 (775) (777) (812)

3.2. — MAR

Meu coração é um pórtico partido
 Dando excessivamente sobre o mar.
 (OP, p. 126)

Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
 (OP, p. 127)

Minha alma é lúcida e rica,
 E eu sou um mar de sargaço —
 (OP, p. 172)

No mar, no mar, no mar, no mar,
 Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
 A minha vida!
 (OP, p. 322)

4) Numeração dos versos contidos na obra poética, para facilitar a identificação.

— Mensagem:

(8) (14) (17) (20) (21)
(23) (29) (31) (35) (40)
(41) (42) (43)

— Cancioneiro:

(48.1) (49) (52) (54) (56)
(59.1) (60) (71) (73.5) (73.9)
(73.11) (73.14) (74) (106) (114)
(125) (130) (169) (173) (177)
(184) (196) (200) (203)

— Caeiro:

(253) (288)

— Reis:

(314) (315) (331) (332) (332)
(410) (422)

— Campos:

(440) (441.1) (442) (443) (445)
(446) (447) (455) (482) (498)
(499) (513) (517) (518) (522.4)
(532) (541.3)

— Inéditas:

(561) (586) (595) (625) (670)
(698) (751) (752) (759) (770)
(771) (779)

— Poemas Ingleses

- . 35 sonnets: (867)
- . Epithalamium: (890)
- . (892)
- . The Abyss: (913)

3.3 — RIO

Meu pensamento é um rio subterrâneo.
(OP, p. 122)

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

(OP, p. 253)

Lembro-me ou não? Ou sonhei?
Flui como um rio o que sinto.
Sou já quem nunca serei
Na certeza em que me minto.

(OP, p. 553)

— Cancioneiro:

(58.1)	(58.5)	(63)	(65)	(71)
(78.3)	(98)	(114)	(130)	(160)
(169)	(186)	(189)	(192)	

— Caeiro:

(211)	(216)	(223)	(225)	(233)
(237)	(244)	(251)	(252)	(253)
(254)	(255)	(261)	(288)	

— Reis:

(310)	(315)	(317)	(322)	(325)
(330)	(336)	(412)		

— Campos:

(440)	(442)	(518)	(535)	(541.2)
(541.3)	(541.5)			

— Inéditas:

(619) (624) (673) (705) (735)
(796) (813)

— Poemas Ingleses

35 sonetos: (845)

(866)

. The Abyss: (913)

3.4 — CHUVA

— Cancioneiro:

(56) (59.2) (69) (70) (73.10)
(78.2) (113) (119) (123) (172)

— Caeiro:

(206) (209) (226) (254) (274)
(279)

— Reis:

(323) (398)

— Campos:

(443) (455) (456) (476)

— Inéditas:

(556) (601) (604) (613) (623)
(695) (721) (724) (729) (758)
(826)

— Poemas Ingleses

. Antinous: (875)

4. A CHUVA NA POÉTICA DAS PERSONALIDADES PESSOANAS

4.1. — Pessoa

A chuva cai com freqüência e inunda os versos de Pessoa. (5)

Como a chuva, seu pensamento flui num movimento contínuo, sem que ele possa evitar.

Cai chuva do céu cinzento
Que não tem razão de ser.
Até o meu pensamento
Tem chuva nele a escorrer.

(OP, p. 541)

Este fluir hídrico nunca se repete. Pessoa desvenda a constante mutação de seu ser, de suas idéias e sentimentos. Daí a angústia, a procura constante do conhecimento de si próprio e do não encontro. E invoca a chuva viva, malsinada e transparente. O poeta com ela se identifica, oferecendo-lhe cor, forma, vida, para extravasar seus pensamentos e, envolvido na chuva mergulhar no seu passado:

Caiu chuva em passados que fui eu.

(OP p., 127)

E, enquanto vai desaguar afora o poeta cria, constrói até perdê-la de vista:

A água da chuva desce a ladeira.
É uma água ansiosa.
Faz lagos e rios pequenos, e cheira
A terra a ditosa.

(OP, p. 511)

Pessoa reconhece a influência da chuva e a traz de volta como força e inspiração:

Ou chuva, ou sol, ou preguiça...
Tudo influi, tudo transforma...

(OP, p. 512)

5) Trataremos por Pessoa, o ortônimo, ou seja, Fernando Pessoa — Ele mesmo.

Esta influência da chuva é uma constante. Está sempre presente como estímulo negativo, parecendo insinuar que a chuva traz maus presságios.

Na sombra Cleópatra jaz morta.
Chove.
Embandeiraram o barco de maneira errada.
Chove sempre.

Para que olhas tu a cidade longínqua?
Tua alma é a cidade longínqua.
Chove friamente.

E quanto à mãe que embala ao colo um filho morto —
Todos nós embalamos ao colo um filho morto.
Chove, Chove.

(OP, p. 132)

A chuva para Pessoa nunca é alegre. Sua cadência é contínua, triste e pessimista.

O som contínuo da chuva
A se ouvir lá fora bem
Deixa-nos a alma viúva
Daquilo que já não tem.

(OP, p. 581)

E mais nada, coloca o dia-a-dia, as mudanças do ser sob a regência da chuva.

Sofremos? Os versos pecam.
Mentimos? Os versos falham.
E tudo é chuvas que orvalham
folhas caídas que secam.

(OP, p. 152)

Na busca gnosiológica, Pessoa depara-se com o vazio, o desconhecido, a noite à sua volta e dentro de si. Noite — morte na cor, ausência de movimento. Nessa procura, a água / chuva vem inundar os espaços, num movimento permanente que é morte, destruição, tristeza. Pessoa une a paisagem noturna à chuva intermitente e simultaneamente à sua paisagem interior, resultando a interseção de duas paisa-

gens — exterior e seu estado d'alma — numa identificação, num abraço pleno:

E toda a noite a chuva veio
E toda a noite não parou,
E toda a noite o meu anseio
No som da chuva triste e cheio
Sem repousar se demorou.

E toda a noite ouvi o vento
Por sobre a chuva irreal soprar
E toda a noite o pensamento
Não me deixou um só momento
Como uma maldição do ar.

(OP, p. 552)

Pessoa, em suas poesias, elege a chuva para desabafar suas mágoas, o desencanto da vida. Revela em paisagens chuvosas seu drama existencial como pessoa no mundo.

No Cancioneiro (OP, p. 121), Pessoa explode numa angustiante tentativa de encontro, do achamento do Ser, da felicidade:

Chove? Nenhuma chuva cai...
Então onde é que eu sinto um dia
Em que o ruído da chuva atrai
A minha inútil agonia?

Onde é que chove, que eu o ouço?
Onde é que é triste, ó claro céu?
Eu quero sorrir-te, e não posso,
Ó céu azul, chamar-te meu...

O poeta interroga-se (onde cai esta chuva se não chove?). Pergunta, busca respostas na natureza, numa ânsia de participar, sentir a vida. Mas permanece a agonia; a tristeza que cai como a chuva, corre e desaparece lamuriante ao encontro do próprio destino.

Continua ele exprimindo um canto dolente de menosprezo a sua vida reduzida a algo imperceptível.

E o escuro ruído da chuva
É constante em meu pensamento.
Meu ser é a invisível curva
Traçada pelo som do vento. . .

Reconhece que não sabe viver:

E eis que ante o sol e o azul do dia,
Como se a hora me estorvasse,
Eu sofro. . . E a luz e a sua alegria
Cai aos meus pés como um disfarce.

Deixa vir à tona seu âmago, revelando o contraste de um interior sombrio, infeliz, impotente d'ante do inevitável fim e o exterior colorido, feliz, pleno de vida.

Ah, na minha alma sempre chove.
Há sempre escuro dentro de mim.
Se escuto, alguém dentro de mim ouve
A chuva, como a voz de um fim. . .

Quando é que eu serei da tua cor,
Do teu plácido e azul encanto,
Ó claro dia exterior,
Ó céu mais útil que o meu pranto?

Encontramos neste poema duas paisagens distintas e conflitantes que atestam a prevalência do intelectual a fugir do sentimento e da emoção para se afogar na chuva que gera hesitação e dúvida.

Realidade interior (do poeta)

- . escuro dentro de mim
- . chuva
- . triste; eu sofro; meu pranto
- . inútil agonia
- . invisível curva

Realidade exterior

- . claro dia exterior
- . sol
- . alegria
- . útil céu
- . cor; luz.

A chuva e a noite fazem com que Pessoa libere suas tendências e angústias e somente o findar da chuva o o raiar da luz transformam o poeta, que encontra alegria, calma e talvez razão de viver.

Ameaçou chuva. E a negra
Nuvem passou sem mais...
Todo o meu ser se alegra
Em alegrias iguais.
(OP, p. 122)

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso
imperfeito... (OP, p. 111)

Com a noite tudo acaba.
O céu frio é transparente.
Nada de chuva desaba.

E não sei se tenho pena
Ou alegria da ausente
Chuva e da noite serena.
(OP, p. 150)

4.2 — *Caeiro*

Fernando Pessoa era "um novelo embrulhado para o lado de dentro". (6) Na posição de ser no mundo, em vez de ver esse mundo, preferia "ver-se a ver". O poeta submetia a si mesmo todo ato de consciência que passava a referir-se não mais ao seu objeto, mas a si próprio.

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em
mim... Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela assombros
dela... (OP, p. 109)

Caeiro, na sua simplicidade, devolverá ao poeta o contato imediato com a realidade, sua compenetração normal com as coisas.

6) PESSOA, op. cit., nota 1, 248 p.

Caeiro é o oposto de Pessoa. É o mestre que dirige o ortônimo na reconquista do mundo. Ensinou-o a ver, sem aquela obsessão de se ver a ver; a separar o ato de pensar e atribuir a cada objeto a sua realidade verdadeira e única:

Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.
Ambos existem; cada um como é.

(OP, p. 238)

Caeiro vê as coisas como elas são: simples, belas, naturais. Não faz interpretação. Interessa-se pelas realidades em sua singularidade concreta. Observa o corpo, as coisas despojadas do significado e da conotação que possam ter, atingindo então o poético pelo apoético.

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

(OP, p. 217)

E explica o por quê:

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

(OP, p. 206)

Caeiro abdica da vontade de refletir, acredita nas coisas em si, sem preocupação com o que possa pensar delas, porque como ele mesmo afirma:

A minha alma é simples e não pensa.

(OP, p. 220)

Para Caeiro cada coisa é uma totalidade de conteúdo e originalidade.

Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva
Ou tempestuoso como se acabasse o mundo,

(OP, p. 227)

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

(OP, p. 274)

Caeiro é só desejo e sensação primária. Tal como uma criança, passa inconsciente e vê a chuva sem melancolia, vê o sol, afinal sente a vida.

Renuncia a ação, a vontade de dizer de si próprio.

Caeiro não cria problemas formais. Descomprometido com tudo e consigo mesmo é um refúgio de Pessoa, é uma tentativa de estabelecer a harmonia e o encontro da vida. É um desejo de esperança, é uma pausa para atravessar o dia, o sol, a chuva e sentir a vida "E nunca a outra coisa".

4.3 — *Reis*

A presença da chuva que transborda no ortônimo, ocorre incidentalmente em Caeiro e em Campos e quase não aparece em Reis.

Em apenas dois poemas de Reis encontramos referência à chuva.

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
Nem se engelha conosco
O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,
Só mornos ao sol quente,
E refletindo um pouco.

(OP, p. 260)

Reis tem uma consciência acentuada da efemeridade da vida e sofre porque o humano não é eterno. É o poeta

da morte e apresenta serenidade perante uma das únicas certezas que possui — a do acabar.

É Maria da Glória Padrão que nos diz: "Este é o poeta da tristeza da passagem. À sua água está ligado o significado do correr do homem, do correr dos dias, às conjecturas do destino funesto, da morte, e por isso essa água é um elemento melancolizante."

Reis prega a insciência e demonstra seu pavor de conhecer o mistério futuro, apesar da vontade de conhecer-se a si mesmo e à verdade da vida. A solução que encontra está no aceitar calmo do cosmos, onde a imobilidade no espaço / tempo o conduz a um sentimento de renúncia ou conformação: "deixando escorrer a chuva triste...". Sabe-se, porém, que aí reside sua simulação pois mais que nada, Reis apega-se à vida e deseja-a infinda, eterna.

Do que quero renego, se o querê-lo
Me pesa na vontade. Nada que haja
Vale que lhe concedamos
Uma atenção que doa.
Meu balde exponho à chuva, por ter água.
Minha vontade, assim, ao mundo exponho,
Recebo o que me é dado,
E o que falta não quero.
(OP, p. 285)

Para Reis tudo parece bastar. E isto o poeta reflete calma e sabiamente, considerando-se limitado por forças exteriores. Vive só o momento que passa, aceitando-se como realmente é, não exige nada além do que é dado:

"Meu balde exponho à chuva, por ter água".

Na realidade Ricardo Reis é um inconformado e quer muita coisa. Apresenta-se, porém, sob o disfarce do desencanto e simula seu sentimento numa serena resignação.

4.4 — Campos

Álvaro de Campos se intitula poeta "sensacionista". Usa as sensações como veículo para atingir o mundo exterior, investe com ímpeto contra este mundo.

“Embriga-se de sensações até a vertigem, até aos supremos delírios de fuga do eu.” (7)

É o heterônimo que clama violentamente contra sua incapacidade de transcender, de entregar-se ao mundo. E exclama o desejo de libertar-se, de ser livre:

Abram-me todas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as
[pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos
[mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!
(OP, p. 339)

Campos procura seguir os ensinamentos sensoriais do mestre Caeiro, porém, intelectualiza a sensação.

Sendo homem da cidade, Campos estava envolto pelo avanço mecanicista da civilização e esforça-se conscientemente para acompanhar este seu ritmo febril e confundir-se com a máquina. Surge, então, a angústia e o cansaço:

Nos dias de chuva lenta, contínua, monótona, una,
Custa-me levantar-me da cadeira onde não dei por
[me ter sentado
E o universo é absolutamente oco em torno de mim.
.....
Fúria fria do destino,
Interseção de tudo,
Confusão das coisas com as suas causas e os seus
[efeitos,
Conseqüência de ter corpo e alma,
E o som da chuva chega até eu ser, e é escuro.
(OP, p. 362)

Este é o Campos da 3ª fase — espontâneo, sincero e sofrido. Só o existir o angustia. Canta sonhos frustrados. Nega

7) KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Fernando Pessoa. o outro**. Petrópolis, Vozes, 1979, 79 p.

a felicidade, e como o ortônimo, a tristeza chega com a chuva.

Antecipação! Tristeza? Coisa nenhuma?

Não sei: já ao acordar estava triste.

O dia deu em chuvoso.

.....
Dêem-se o céu azul e o sol visível,
Néveca, chuvas, escuros — isso tenho eu em mim.

(OP, p. 381)

O sentimento do nada enche-lhe o tempo e os versos. Descrente, devolve um olhar à natureza e suplica a energia do sol, da chuva, do vento:

Crer em mim? Não, nem em nada.

Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente

O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o

[cabelo,

E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não

[venha.

(OP, p. 364)

Ao perceber os apelos do humano existentes em sua natureza, Campos tende ao repouso e ao sono, formas de fuga contra a opressão da máquina e do mundo supercivilizado, tentativa de chegar ao Sonho.

Hoje quero só sossego.

Até amaria o lar, desde que o não tivesse.

Chego a ter sono de vontade de ter sossego.

Não exageremos!

Tenho efetivamente sono, sem explicação.

O dia deu em chuvoso.

(OP, p. 381)

5. CONCLUSÃO

A leitura da obra ortônima e heterônima foi o ponto de partida para a definição do tema de nosso trabalho.

Verificamos que Fernando Pessoa na sua poética elege e adota a água como forma de encontro, de intercomunicação.

Observamos, embora sem profundidade, a simbologia da água, fonte de vida, terapia moral, força, mistério e morte, desde os tempos antigos, atravessando várias fases e regiões.

Examinamos a ocorrência da água na obra pessoana, em suas diferentes paisagens, e decidimos listar todas as poesias onde fossem presença, a água-elemento, o mar, o rio e a chuva.

Detivemo-nos na chuva, presença marcante na poética das personalidades pessoanas.

Mostramos que em Pessoa a chuva é motivo de intelectualização, de interseção entre a paisagem exterior e seu estado d'alma, associando sempre a chuva à paisagem noturna, numa tentativa de encontro, do achamento do Ser. Observamos que somente com o findar da chuva e do surgimento da luz é que o poeta encontra alegria e talvez paz.

Verificamos que Caetano adota a chuva para exprimir suas sensações divorciadas do ato de pensar, buscando estabelecer a harmonia e o encontro da vida, quase num grau zero de interpretação das coisas.

Constatamos que Reis é a personalidade que menos usa a chuva e esta é elemento de reflexão para reafirmar a efemeridade da vida e sua simulada conformação.

Examinamos que a chuva é motivo para Álvaro de Campos extravasar seu sensacionismo frenético, numa ânsia de libertar-se. Mas Campos, em uma outra fase, usa a chuva, como o ortônimo, para identificar sua angústia, até chegar ao repouso e ao sono, onde a chuva é motivação.

Concluimos que é um estudo surpreendente, sem limites, que precisa ser investigado e conhecido. A análise da chuva na poética pessoana é algo muito pessoal, mas, confiando na abertura da obra do poeta, tentamos dar nossa opinião, na certeza de que muito ficou a dizer, que novas idéias poderão ser discutidas e acrescentadas, e que nosso trabalho é apenas um pingote de chuva no mar genial que é a obra do poeta luso — Fernando Antonio Nogueira Pessoa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**, Lisboa, Verbo, 1963.
2. DÉCIO, João. O mar na poesia de Fernando Pessoa. In: **Alfa**, Marília, 1964.

3. KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Fernando Pessoa, o outro**. Petrópolis, Vozes, 1979.
4. LINHARES FILHO, José. **A "outra coisa" na poesia de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978. (Tese copiografada).
5. PADRÃO, Maria da Glória. **A metáfora em Fernando Pessoa**. Porto, Inova, 1973.
6. PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977.
7. QUADROS, Antonio. **Fernando Pessoa**. Lisboa, Arcádia, 1960.
8. SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
9. SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa**. Lisboa, Bertrand. (s. d.)
10. TELES, Antonio Xavier. **Introdução ao estudo da filosofia**. São Paulo, Ática, 1974.
11. VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia e ciências humanas**. São Paulo, Loyola, 1977.